

6 de Novembro de 2023

Maria Lúcia Amaral

Maria da Glória Garcia

Maria da Glória Ferreira Pinto Dias Garcia nasceu em Coimbra num outro seis de Novembro, num país que de certo modo também era outro – o Portugal do Estado Novo.

Num dos raros momentos em que se narra a si própria, Maria da Glória conta-nos como descobriu, cedo, que nesse país havia mundos separados. Não havia afinal um só mundo, mas dois, sem que se percebesse a razão da separação. Na infância, na casa familiar das férias grandes em Oliveira do Mondego, descobriu que havia o mundo que ela própria, e os primos, os irmãos, os amigos habitavam, e que se situava para aquém dos portões da casa grande dos Avós, e o mundo dos outros, daqueles que brincavam para além desse portão. Dois mundos que se não encontravam, e que, como diz Maria da Glória, se olhavam pelas grades do enorme portão da casa.

Depois, mais tarde, no liceu, nos anos sessenta, descobriu que uma outra inexplicável separação continuava a insistir em cortar a humanidade em dois lados também pouco comunicáveis: o lado do género masculino, com a sua educação para o mundo público, e o lado do género feminino, com a sua educação para o universo reservado da casa. Ainda mais tarde, na Faculdade, veio a dar conta que a dita separação continuava, persistente, mas desta feita a distanciar quem ensinava de quem aprendia. Mais uma vez dois mundos, que viviam em separado, que nunca ou raramente se entrelaçavam. No Portugal da altura, dos anos sessenta e da primeira metade dos anos

setenta, conta-nos ainda Maria da Glória que existia ainda uma outra separação de mundos, da qual se falava em surdina mas que irrompia por todos os lados: a separação entre o nosso próprio país e o resto todo do mundo, entre nós, portugueses, e todos os outros. E a pergunta era sempre a mesma, desde a infância até aos bancos da Faculdade na Universidade de Coimbra: porquê? O que explicava, o que justificava todas estas separações?.

A nossa homenageada procurou responder a todas estas perguntas estudando, vivendo, agindo. Escolhendo. Sendo livre. Sem nunca, mas nunca, se resignar ao lamento ou à passividade.

Para responder ao mistério da separação entre o País e o resto do mundo, viajou. Fê-lo desde muito cedo e por iniciativa própria. Para responder ao mistério da separação entre o mundo de quem ensina e o mundo de quem aprende, fez-se a professora que todos conhecemos, a que procura em cada um de nós não o espelho de si mesma, mas a interlocução, a resposta, o desenvolvimento de ideias sugeridas. Para responder ao mistério da separação entre os géneros e os seus destinos, foi vivendo a sua vida num *feminino singular*, como ela própria o diz, doutorando-se em Direito Público no princípio dos anos noventa – em situação de absoluta singularidade, visto que, na altura, não havia mais ninguém que, no *feminino*, o tivesse feito.

Finalmente, e para responder ao grande mistério da separação entre os dois mundos que se situavam aquém e além das grades do portão da casa, escolheu antes do mais estudar Direito, e, depois, estudar especialmente o Direito Público. Ao longo de todo este tempo, sempre lhe foram dizendo que para ela muitas outras opções haveria. Mas Maria da Glória explica. Foi o desejo de compreender o modo de funcionamento do Poder e do Direito, do Estado e da Justiça; foi a vontade de melhor saber em que consistem verdadeiramente estas coisas da igualdade e da liberdade; e foi enfim a possibilidade de contribuir ela própria para vir a melhorar – e cito – o que entendia não estar correcto, foi tudo isto que a fez insistir, persistir, escolher.

Escolheu pois o Direito, e dentro dele, o Direito Público. Como, e pelas mesmas razões, viria também mais tarde a escolher a vida acadêmica, adquirindo todos os seus graus aqui, nesta Universidade, que a chamou Reitora. Também no momento desta escolha foram postas de parte muitas outras opções, sempre insistentemente sublinhadas pelos outros, pela Vida. Mas a escolha estava feita. Incidia sobre a “actividade que realizaria o desejo de contribuir para uma melhor justiça social”. E essa “actividade” seria, como foi, a universitária, com o ensino, a investigação, o compromisso institucional, e a intervenção cívica, tudo feito com um traço único e inconfundível. Para Maria da Glória, o tema da liberdade e da igualdade não foi o tema do estudo. Foi o tema da vida.

Uma pessoa assim, que forja a sua vida em torno deste tema, é por definição uma pessoa aberta ao futuro. Aberta ao tempo longo do futuro, capaz de enfrentar as suas incertezas, curiosa em relação ao tanto mais que se vai sabendo. Quem lê Maria da Glória Garcia sabe o quanto o amor pelo estudo do passado surge sempre entrelaçado com a necessidade de antecipar o futuro. O tempo presente, que hoje vivemos, inspira tudo menos tranquilidade. Como escreveu a nossa homenageada, é este o tempo em que uma nova civilização espreita, por detrás da degradação ambiental, da revolução tecnológica e de trágicas clivagens culturais de cariz religioso e político. Num tempo como este é natural que, por vezes, sintamos que a navegação se faz sem bússola. Eu por mim falo, que muitas vezes o sinto. Mas também por mim falo: é nestas alturas, em que a sensação de risco e de incerteza aumenta, que eu sei que preciso de falar com Maria da Glória Garcia. Preciso da sua bravura, mas também da sua carinhosa afabilidade; preciso da sua lucidez e inteligência, mas também da sua esperança; preciso da sua cultura e elegância, mas também da sua força. E também sei que não falo só por mim, mas por muitos, muitos outros.

Em nome de todos,

Maria da Glória, Glorinha, bem haja!

Lisboa, 6 de novembro de 2023

Maria Lúcia Amaral